

LEAL CUNHA, ENEIDA
A propósito de cultura e representação
Matrizes, vol. 10, núm. 3, septiembre-diciembre, 2016, pp. 219-224
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143049794015>

A propósito de cultura e representação

On culture and representation

■ ENEIDA LEAL CUNHA *

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

HALL, STUART.

Cultura e representação.

Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu;
Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira.
Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016. 269 p.

RESUMO

O recém-lançado *Cultura e representação*, de Stuart Hall, traz dois longos artigos originários de cursos oferecidos pelo intelectual jamaicano na The Open University, em Londres, na década de 1990: o primeiro apresenta a versão do autor para a denominada “virada linguística” nos estudos da “representação” no âmbito da cultura desde o estruturalismo saussuriano até Michel Foucault; no segundo, a partir de um repertório de imagens que abarcam mais de um século, Hall expõe e analisa a constituição e naturalização, na mídia, do nexo entre diferença racial e subalternização do corpo negro. São duas contribuições lúcidas, bem fundamentadas e generosas para os estudos de cultura entre nós.

Palavras-chave: Stuart Hall, Estudos Culturais, representação

ABSTRACT

The recently released Hall's *Cultural Representations* has two long articles from courses given by the Jamaican intellectual at The Open University in London in the 1990s: the first presents the author's version for the so-called “linguistic turn” in the “representation” studies in the cultural context from the Saussurean structuralism to Michel Foucault; in the second, starting from a compilation of images that comprises more than a century, Hall exposes and analyzes the formation and naturalization in the media of the nexus between racial difference and black body's subalternization. These are lucid, well-argued and generous contributions for cultural studies in Brazil.

Keywords: Stuart Hall, Cultural Studies, representation

* Professora Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Bahia e pesquisadora do CNPq. Desde 2011 é Professora Associada na PUC-Rio. Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do CEFET-RJ. E-mail: eneidalealcunha@uol.com.br

QUANDO ESTEVE no Brasil pela primeira (e única) vez em 2000, a convite do VII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), em Salvador, Stuart Hall havia condicionado a sua vinda para a conferência de abertura à possibilidade de livre acesso ao auditório da Reitoria da Universidade Federal da Bahia de todos os interessados em ouvi-lo, especialmente estudantes e integrantes de movimentos populares e coletivos negros. Explicou que não tinha qualquer interesse no diálogo exclusivo com a academia. Durante o evento foi-lhe destinada uma pequena sala privada, para descanso – sua saúde estava precária, à época –, mas nos intervalos era visto circulando pelas alamedas do campus, com seu andar frágil. Ao ser indagado por uma das organizadoras se não preferia descansar no ar condicionado, respondeu que não, que preferia ficar por ali, andando, assim todos que quisessem conversar com ele poderiam vê-lo e se aproximar, sem constrangimentos.

O episódio é uma boa entrada para apresentar a mais nova tradução de Stuart Hall no Brasil, fato editorial inexplicavelmente raro. A primeira coletânea de seus ensaios foi organizada por Liv Sovik e publicada em 2003 pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais, que não hesita em reconhecer que, entre reedições e sucessivas tiragens, *Da diáspora: identidades e mediações culturais* é o item mais vendido de seu catálogo e, deve-se acrescentar, o mais amplamente lido, no país. A coletânea é referência obrigatória em artigos e trabalhos acadêmicos no âmbito largo dos termos enfileirados em seu título – diáspora, identidades, mediações – nas áreas de ciências humanas, letras, comunicação, educação e demais ciências sociais, especialmente para quem, nos últimos anos, precisou de operadores conceituais complexos e de modelagem crítica insidente para abordar a produção cultural negra e a aqui denominada *questão racial*.

Cultura e representação, traduzido e publicado por iniciativa de Arthur Ituassu e da editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), tem origem na coletânea editada por Stuart Hall e publicada pela Sage em parceria com a The Open University em Londres, em 1997, intitulada *Representation: cultural representations and signifying practices*, volume que reúne, em seis capítulos assinados por diferentes professores, tópicos do curso “D318 – Culture, media and identities”. Estão sendo publicados no Brasil apenas os dois capítulos de Hall: “The work of representation” e “The spectacle of the other”. São capítulos ou cursos de composição diversa que partilham, em primeiro lugar, a solidária e delicada pedagogia peculiar do intelectual diaspórico Stuart Hall. Em ambos, a condução do texto, ou das aulas, pode ser figurada como aquela disposição vista na ABRALIC, para deslocar-se da programação acadêmico-científica e da ambiência dos pares, como Paul Gilroy, Gayatri

Spivak, Silviano Santiago et al., e circular do lado de fora, para conversar sem entraves com quem quisesse se aproximar.

O efeito de proximidade e o empenho em produzir algo acessível para um contingente amplo e incontrolado de alunos ou leitores (como é o caso do ambiente original do livro, as aulas numa universidade de frequência muito diversificada e sem os padrões de controle de ingresso habituais), deve-se à estrutura, preservada no livro, de um curso executado com rigor e generosidade, com textos expositivos em linguagem clara e tom coloquial – “Afinal, a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura. Mas o que isto quer dizer?” (p. 31) –, que não economiza recursos subsidiários visando o máximo aproveitamento. Os capítulos têm propostas de atividades e indicação de leituras que estão disponíveis no final de cada parte, em fragmentos bem dosados de títulos significativos da bibliografia que sustenta os temas, além de resumos marcando o ingresso ou a saída de cada tópico. Ou seja, é um livro destinado a todos que, com um grau médio de escolarização, desejam ou precisam se aparelhar para lidar – compreender e intervir – com os cenários contemporâneos da cultura. É, portanto, um livro como não se faz com frequência no Brasil, onde publicações destinadas aos jovens que (ainda) não ingressaram nos sofisticados cursos de pós-graduação são predominantemente compêndios anacrônicos ou obras didáticas indigentes.

Os dois capítulos também compartilham uma trajetória pessoal e complementam-se enquanto exposição de forças que orientaram o pensamento crítico de Stuart Hall: o primeiro, aqui intitulado “O papel da representação”, tem como base o seu investimento na “virada linguística”, do estruturalismo de base saussuriana ao pós-estruturalismo foucaultiano, para constituição de um instrumental teórico adequado ao trato com as representações e ao bom combate político no campo dos Estudos Culturais. Na segunda parte, em “O espetáculo do *outro*”, encontra-se um produto da tensa guinada dos Estudos Culturais britânicos em direção à problemática racial, que colocou na agenda de Hall os discursos da racialização, a política racial e a resistência ao racismo, alia-dos a suas incursões mais recentes na fotografia, no cinema, na cultura visual. Através de um paciente trabalho genealógico e, ao mesmo tempo, um exercício de curadoria, expõe e avalia uma sequência de imagens que constituem e instituem o lugar subalterno da negritude no Ocidente – predominantemente anglo-saxônico, mas não só.

Embora Stuart Hall seja apresentado nesta edição brasileira como um dos estudiosos “fortemente influenciados pelo marxismo desde a Escola de Frankfurt” (p. 9) no Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, que dirigiu entre 1968 e 1979, o capítulo sobre a representação

parece indicar outra coisa ao reconstituir o seu embate com o marxismo (ou seu confronto com o “marxismo como problema”, conforme declarou em “Estudos culturais e seu legado teórico” [Hall, 2003]) e seu interesse no paradigma linguístico da década de 1970:

a cultura é definida como um processo original e igualmente constitutivo, tão fundamental quanto a base econômica ou material para a configuração de sujeitos sociais e acontecimentos históricos e não uma mera reflexão sobre a realidade depois do acontecimento. A “linguagem” fornece, portanto, um modelo geral do funcionamento da cultura e da representação, especialmente na chamada abordagem semiótica, sendo esta o estudo ou a ciência dos signos e seu papel enquanto veículos de sentido numa cultura. (p. 26)

O título da primeira seção – “Representação, sentido e linguagem” – sinaliza com precisão o deslocamento do foco e a centralidade da linguagem na parte inicial do capítulo, quando são retomados desde os principais postulados da teoria linguística de Saussure (“O legado de Saussure”) e a sua repercussão em novos aparatos teóricos para a abordagem de fatos da cultura com base na linguística estrutural, como a semiótica barthesiana (*Mitologias*, de Roland Barthes, é retomado com vagar) e o estruturalismo que se espalha nas ciências humanas e nos domínios correlatos com a contribuição de Lévi-Strauss, entre outros. A abordagem é criteriosa e dentro dos limites exíguos de que dispõe, Hall apresenta a seu leitor ou aluno tanto o avassalador prestígio da linguística estrutural quanto a subsequente problematização e descrédito, por sua perspectiva descritiva, a-histórica e até “positivista” (p. 77), dada a ênfase científica no trato com a linguagem e a produção dos sentidos. Como contraponto, evoca a importância da historicidade e da dimensão interpretativa e aberta, trazendo para o centro da exposição o pós-estruturalismo, em primeiro lugar e brevemente com a contribuição de Jacques Derrida, autor frequente em seus ensaios a partir da década de 1990, e a importância da *différance* e da desconstituição dos sistemas binários (Hall, aliás, consegue, em outros trabalhos seus, ser mais hábil do que o próprio Derrida, para tornar a *différance* uma noção clara e operacional.)

Para surpreender os leitores que frequentam seus artigos, em “Discurso, poder e o sujeito” e até o final do capítulo, com dedicação, parcimônia e muita reverência, toda a segunda parte é dedicada à “virada discursiva” ou, mais precisamente, a Michel Foucault, que tem presença no livro completamente diversa dos demais; não é uma referência necessária à exposição de algum tópico, conceito ou vertente teórica, como os nomes próprios anteriormente

citados. Foucault se torna o objeto mesmo da exposição, e Hall deixa de lado a problemática da representação, tal como vinha sendo construída, e se dedica a apresentar cada uma das noções estruturantes e das questões abarcadas pela obra foucaultiana, como se empenhado em generosa mediação entre seu leitor e um corpo de noções, conceitos e diagnósticos que são dados como fundamento principal da reflexão contemporânea sobre a dimensão discursiva do real, com destaque compreensível para a abordagem diferencial do poder, por Foucault, e sobre as articulações entre discurso e poder, conhecimento e poder, entre poder e corpo, entre sujeito, cultura e poder.

No primeiro capítulo, enfim, por força da reconstituição das vertentes teóricas e disciplinares que subsidiaram ou poderiam subsidiar a sua abordagem, a *representação* se tornou um espécie de presença fantasmática – sempre ali, mas uma noção sempre fugidia – apesar dos vários lances iniciais de Hall em busca de uma definição ou de uma formulação esclarecedora acerca do que concebe ou a que se refere quando usa o termo. No segundo curso e capítulo, em contrapartida, Hall abdica do investimento predicativo e conceitual (dizer *o que é a representação*), para dar andamento a uma perspectiva transitiva e pragmática, quase ao modo de um estudo de caso que se propõe a explorar um dado regime de representação (Foucault presente, mas aqui não nomeado), aquele que constituiu no Ocidente e desde o século XVI a diferença racial, e o faz através da exposição e análise de um significativo repertório de imagens, captadas na cultura popular massiva, que *representam* a diferença racial.

“O espetáculo do *outro*” – provavelmente o mais poético e o mais preciso título de Stuart Hall – é introduzido com perguntas que balizam os alvos do capítulo:

como representamos as pessoas e os lugares que são significativamente diferentes de nós? Por que a “diferença”, sendo um tema tão atraente, é uma área da representação tão contestada? Qual o fascínio secreto da alteridade [...]? Quais são as formas típicas de práticas utilizadas atualmente na cultura popular para representar a “diferença” e de onde vem essas figuras e estereótipos populares? (p. 139)

Com o foco na diferença racial, são percorridas imagens de negros desde a publicidade no contexto colonial ou imperial britânico ainda no século XIX, em registros pictóricos da cena escravista, em capas e ilustrações de livros, em cartazes e reportagens sobre o cinema, nas artes plásticas, nos esportes e na publicidade em contextos mais próximos. Hall parte da familiaridade de todos nós com esse acervo, perverso porque naturalizado, e com paciente, mas rigorosa, argumentação teórica, expõe (exibe) como se constituíram os elos entre diferença racial, gênero e sexualidade, ou como opera a ambivalência própria

dos estereótipos, fazendo convergirem as imagens e a sua análise para a compreensão de uma estratégia representacional investida na fixação e naturalização da inferioridade do outro, o negro, cuja diferença éposta como evidência incontestável. No limiar da exposição abre-se não uma utopia reversiva, mas a problematização dos intentos, desafios e até armadilhas que rondam a urgência incontornável da produção de contraimagens da diferença negra. **M**

REFERÊNCIAS

- HALL, S. Estudos culturais e seu legado teórico. In: SOVIK, L. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 199-218.

Artigo recebido em 9 de dezembro de 2016 e aprovado em 15 de dezembro de 2016